

Observantíssimo da Caridade, praticou esta grande virtude até morrer, distribuindo por seu testamento grande parte de seus bens em esmolas a benefício principalmente de mulheres viúvas, e pessoas honestas, ás quaes protegia em vida, recolhidas em suas próprias casas. Legou quantias avultadas ás Irmandades de S. Pedro, o ordem Terceira do Carmo, e não se esqueceu em sua beneficencia dos presos do Aljube e Cadea.

Como a seu cuidado estava a administração da Capella do missas, instituida pelo Bispo D. Francisco de S. Jeronymo, e confiada na sua pessoa aos que occupassem para o futuro a dignidade decanal, com a obrigação de se dizer no Templo de Nossa Senhora da Conceição, unido á casa da residencia episcopal, uma missa no dia sabbado de cada semana, para cujo patrimonio existiam e juros tres mil cruzados, determinou Gaspar Gonçalves a seus testamenteiros que, desde o dia de seu fallecimento até o da posse do seu successor na dignidade, fizessem diligentes em satisfazer aquelle encargo, antretanto que se não julgasse ou resolvesse o contrario, querendo assim evitar alguma falta no cumprimento de tão sagrada obrigação. Seu nome e seus escriptos gravados gloriosamente nos fastos da Diocese Fluminense, existirão como padroes eternos á memoria de um dos mais benemeritos Ecclesiasticos d'este Bispado, um de seus melhores ministros, um dos mais dignos filhos da Villa de Santos por seu saber e por suas virtudes.

PERO LOPES DE SOUSA

Francia gente que o Brasil tentava
Pedro Lopes de Sousa sua furiosa
Naval batalha e mar lhe contestava.

CARAMURÉ, LANT. 2.^a, Est. 27.

Pero Lopes de Sousa, um dos doze primeiros donatarios do Brasil, foi o segundo genito de Loupo de Sousa, o irmão do 13.^o Governador da India, Martim Affonso de Sousa. — E' mui provavel que na sua mocidade frequentasse na Universidade, que então estava em Lisboa, os

estudos da navegação. E' sem duvida que, dedicando-se á vida maritima, reunia o ser a' ella perito a muito desembaraço e afouteza, — qualidades indispensaveis em tal profissão. Começou a servir nas armadas de guarda costa contra os corsarios; adquirira a pratica de algumas navegações; quando, joven ainda, e já muito honrado fidalgo da casa do el-rei D. João III, acompanhou seu irmão na armada ao Brasil. Tendo sahido de Lisboa na capitaina, passou depois a commandar duas caravelas, com as quaes só affrontou em rentida peleja uma não franceza, que abalroou e fez prisioneira.

Proseguiu, já feito capitão da sua nova presa, na direcção do sul, e depois de ter rendido outra Não Franceza, e aportado á Bahia e Rio de Janeiro, soffreu grande tormenta na altura do Cabo de Santa Maria; e havendo por esta occasião dado á costa o Capitão-Mór, foi decidido em conselho que não devia elle de ir pelo Rio da Prata; e que fôsse lá algum Bergantim a fim de o examinar e pôr padrões. Reconhecendo Martim Affonso as eminentes qualidades do seu irmão, o encarregou d'esta commissão, recomendando-lhe que cativasse de volta em vinte dias.

De junto do dito Cabo partiu a 23 de Novembro de 1531, navegou o rio acima pelo canal do norte, cento e tantas leguas contadas do Cabo de Sancta Maria, e voltou a 12 de Dezembro. Tendo passado n'esta diligencia inclemencias e trabalhos, pelos quaes mostra o seu valor em soffrir, e seu genio em descrever; e visto alguns gentios, notado seus usos e costumes, veio a naufragar sobre uma Ilha ao pé do Cabo de Sancta Maria. N'este naufragio se houve Pero Lopes de fôrma tal, que o seu procedimento mostra bem qual era a sua constancia e animo. Não convem anticipar as descripções que se fêz no seu Diario, por vezes poetico; ao qual remettemos o leitor, limitando-nos a dizer que, tendo conseguido pôr o Bergantim a nado, se reuniu á Armada, a 27 de Dezembro, na Ilha das Palmas: e todos partiram para o porto de S. Vicente, que Martim Affonso ferrou pela primeira vez a 20 de Janeiro seguinte.

Então decidiu este Capitão, por parecer dos pilotos e mestres, e todos que para isso eram, de mandar duas Nãos para Portugal com toda a gente do mar. Incumbindo

do commando a Pero Lopes, largou este a 22 de Maio de 1532, e fazendo-se ao norte, foi ao Rio de Janeiro esperar pela outra nau — a tomada aos Francezes; e d'aqui sahiram juntos no principio de Julho. Passados quinze dias, era Pero Lopes na Bahia de Todos os Santos, da qual se fez á vela no fim do mez. E tendo andado tanto á vante como a Riba de Santo Aleixo, houve vista de uma nau, o ordenou de fazer tudo prestes para a combater: o resultado de taes combates com Francezes nunca lhe foi desfavoravel (1). Entrou por fim em Pernambuco, o largando a 4 de Novembro, só chegou a Lisboa no começo do anno seguinte.

Entretanto tinha El-Rei escripto a 28 de Setembro do anno antecedente, que lhe fizera doação de juro herdade de uma Capitania de cincoenta leguas de costa, e em attenção aos seus serviços então narrados, o agraciou commutando-lhas, por doação feita em Evora no primeiro de Setembro de 1534, em oitenta leguas distribuidas em tres diferentes logares da costa, por elle escolhidos (2).

Ha quem diga (3) que depois de voltar, fôra em 1535 a Tunos, por Capitão de uma nau na expedição que commandava Antonio de Saldanha, com o Infante D. Luiz; porém o que temos por certo é que antes ou depois entendeu povoar a sua Capitania de Itamaracá (4).

(1) Gabriel Soares diz no Rot. Ger. cap. 14 que — se viu sahir no mar pelejando com algumas naus Francezas, de que os Francezes nunca se sahiram bem.

(2) Vêja-se esta doação que transcrevemos á pag. 118 do seu Diário, bem como o fôral á pag. 126.

(3) Souza. Hist. Gen. T. 12 P. 1.^a Seria este serviço que aqui entendido, fez dizer a certo Genealogico, cujo Nobiliario MS. existe na Bib. Pub. de Lisboa, que affirmavam ter sido Governador da Mina.

(4) A maior parte dos escriptores dizem que Pero Lopes foi em pessoa á colonisação da sua Capitania depois que lhe foi dada. Outros não fazem menção de tal, quanto á parte de S. Amaro, não encontramos documento anterior a 1532, em que D. Isabel d'Almada nomeia seu Locotenente e Ouvidor. Contando Gabriel Soares, que foi ao Brasil vinte e tantos annos depois, e por isso se pôde dizer coetaneo, ainda que confundendo os acontecimentos que passou na Armada da que tratamos, e que menciona no cap. 1.^o, todavia diz no cap. 14 do Rot. Ger., que, conduzindo armada á sua custa e em pessoa, foi povoar esta capitania (Itamaracá) com moradores que levou do porto de Lisboa, d'onde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados — e no cap. 61

Havendo sido nomeado Capitão-Mór de 6 naos (3) para a India partira em Março de 1539; chegou a Goa em Setembro, e voltando para a Europa, se perdeu na paragem da Ilha de S. Lourenço (hoje Madagascar), vindo por fóra d'ella: e não houve mais noticia do seu corpo.

Fôra casado com D. Isabel de Gambôa, que ficou tutora de seus filhos. Era de genio ultivo (em vão o nega D. Luiz da Silveira), caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desattencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio — talvez proveniente da sua juventude, e afox-se de tal modo aos perigos, que o seu valor passou a temeridade, que pagou com a vida.

Deixou-nos escripto o Diario ou Roteiro, que demos á luz tão completo quanto pudemos, e do qual nem Barboza, nem Bibliographo algum, que conheçamos, teve noticia. Do merito do seu estylo ajuizarão os nossos litteratos, e decidirão se algumas paginas descriptivas não fazem recordar a saudosa melancolia do saudoso livro de Bernardim Ribeiro, seu contemporaneo.

Por F. A. DE VARNHAGEN.

acrescenta que fizera um engenho em Santo Amaro, que tambem foi povoar em pessoa; porôu para esta ultima ha muitos fundamentos. O certo é que a mesma ampliação que El-Rei fez a si de Janeiro de 1536 é prova de que elle cuidava na Capitania.

Id. Vide o—Livro das Armadas e Capitães que foram á India, do descobrimento d'ella até hoje—MS., e tambem a obra que citamos na nota da pag. 83, escripta talvez originalmente por Pedro B. de Rezende.